

Ocean Vuong

**Sobre a terra
somos belos
por um
instante**

Tradução Rogerio W. Galindo

Rocco:
DIGITAL

*Mas deixe-me ver se – usando essas palavras como um
pequeno terreno e minha vida como pedra fundamental –
eu consigo te erguer um centro.*

– Qiu Miaojin

Eu quero te dizer a verdade, e já falei sobre os rios largos.

– Joan Didion

Deixa eu começar de novo.

Querida Mãe,

Estou escrevendo para chegar até você – ainda que cada palavra que eu ponha no papel fique uma palavra mais longe de onde você está. Estou escrevendo para voltar ao tempo, no ponto de parada na Virgínia, quando você olhou horrorizada um alce empalhado em cima da máquina de refrigerante perto dos banheiros, a galhada fazendo sombra no teu rosto. No carro, você ainda sacudia a cabeça. “Não entendo por que alguém ia fazer aquilo. Será que eles não veem que aquilo é um cadáver? Um cadáver devia ir embora, não ficar preso para sempre daquele jeito.”

Penso agora naquele alce, em como você olhou para os olhos negros vítreos dele e viu o teu reflexo, teu corpo inteiro, deformado naquele espelho sem vida. Em como não foi a instalação grotesca de um animal decapitado que te chocou – é que um corpo empalhado mantinha presente uma morte que não vai acabar, uma morte que continua morrendo enquanto a gente passa para ir ao banheiro.

Estou escrevendo porque me disseram para nunca começar uma frase com *porque*. Mas eu não estava tentando fazer uma frase – estava tentando me libertar. Porque a liberdade, eu ouvi dizer, é apenas a distância entre o caçador e a sua presa.

Outono. Em algum ponto sobre o Michigan, uma colônia de mais de quinze mil borboletas-monarcas começa sua migração anual rumo ao sul. Em dois meses, de setembro a novembro, elas se moverão, uma batida de asas por vez, do sul do Canadá e dos Estados Unidos para partes do México central, onde passarão o

inverno.

Elas pousam entre nós, em peitoris de janelas e alambrados, varais ainda borrados pelo peso de roupas recém-penduradas, o capô desbotado de um Chevy azul, as asas se fechando lentamente, como se estivessem sendo guardadas, antes de baterem uma vez, voando.

Uma única noite gelada pode matar uma geração. Viver, então, é uma questão de tempo, de achar o tempo certo.

Aquela vez que eu tinha cinco ou seis anos e, pregando uma peça, pulei em você saindo de trás da porta do corredor, gritando: “Bum!” Você gritou, o rosto arranhado e retorcido, depois chorou de soluçar, agarrou o próprio peito enquanto se apoiava na porta, tentando recuperar o fôlego. Fiquei parado, perplexo, meu capacete militar de brinquedo inclinado na cabeça. Eu era um menino americano imitando o que via na TV. Eu não sabia que a guerra ainda estava dentro de você, nem sabia que existia uma guerra, que quando ela entra em você nunca mais sai – simplesmente ecoa, um som formando o rosto do teu próprio filho. Bum.

Aquela vez, na terceira série, em que, com a ajuda da sra. Callahan, minha professora de inglês como língua estrangeira, eu li o primeiro livro que adorei, um livro infantil chamado *Thunder cake*, de Patricia Polacco. Na história, quando uma menina e a avó veem uma tempestade se formar no horizonte verde, em vez de fechar as janelas ou pregar tábuas nas portas, elas vão fazer um bolo. Essa atitude me desestabilizou, a recusa precária mas corajosa do senso comum. Enquanto a sra. Callahan ficava atrás de mim, a boca no meu ouvido, eu era levado cada vez para mais longe pela correnteza do idioma. A história se desenrolava, sua tempestade rugia enquanto ela falava, depois rugia novamente quando eu repetia as palavras. Assar um bolo no olho de uma tempestade: comer açúcar à beira do perigo.

A primeira vez que você me bateu, eu devia ter quatro anos. Uma mão, um clarão, um acerto de contas. Minha boca uma fogueira tátil.

A vez que eu tentei te ensinar a ler do jeito que a sra. Callahan me ensinava, meus lábios no teu ouvido, minha mão na tua, as palavras se movendo sob as sombras que fazíamos. Mas aquele ato (um filho ensinando a mãe) revertia nossas hierarquias, e com isso nossas identidades que, neste país, já eram tênues e cativas. Depois das gaguejadas e dos começos em falso, as frases se deformavam ou se trancavam na tua garganta, depois do constrangimento do fracasso, você fechava a boca. “Eu não preciso ler”, você disse, o rosto contorcido, e se afastou da mesa. “Eu sei *ver*, e isso me trouxe até aqui, não trouxe?”

Depois, a vez do controle remoto. Eu mentia para os professores sobre o roxo no meu braço. “Caí brincando de pega-pega.”

Aquela vez, aos quarenta e seis anos, quando você teve um desejo súbito de colorir. “Vamos ao Walmart”, você disse um dia de manhã. “Preciso de livros de colorir.” Por meses você preencheu o espaço entre os braços com todos os tons que não sabia pronunciar. *Magenta, vermelhão, calêndula, estanho, zimbro, canela*. Todo dia, por horas, você se debruçava sobre paisagens de fazendas, pastagens, Paris, dois cavalos em uma planície assolada pelo vento, o rosto de uma menina com cabelos negros e uma pele que você deixou sem cor, deixou branca. Você pendurava aquilo pela casa toda, que começou a parecer uma sala de escola primária. Quando perguntei “Por que colorir, por que agora?”, você largou o lápis safira e olhou, sonhadora, para um jardim ainda inacabado. “Eu só desapareço por um tempo nos desenhos”, você disse. “Mas eu sinto tudo. Como se eu ainda estivesse aqui, nesta sala.”

A vez que você jogou a caixa de Lego na minha cabeça. A madeira salpicada de sangue.

“Você já criou uma cena”, você disse, pintando uma casa de Thomas Kinkade, “e depois se colocou lá dentro? Você já se olhou por trás, se afastando e se afundando naquela paisagem, cada vez mais longe de você?”

Como eu podia te contar que o que você estava descrevendo era escrever? Como eu podia contar que nós, afinal, estamos tão perto, as sombras de nossas mãos, em duas páginas diferentes, se fundindo?

“Desculpe”, você disse, fazendo um curativo no corte na minha testa. “Pega o casaco. Vou te comprar McDonald’s.” Com a cabeça latejando, molhei os nuggets de frango no ketchup com você me olhando. “Você tem que ficar maior e mais forte, ok?”

Reli o *Diário de luto* do Roland Barthes ontem, o livro que ele escreveu todo dia, por um ano, depois da morte da mãe. *Conheci o corpo da minha mãe*, ele escreve, *doente e depois moribundo*. E foi aí que eu parei. Foi aí que eu decidi te escrever. Você que ainda está viva.

Aqueles sábados no fim do mês quando, se tinha sobrado dinheiro depois de pagar as contas, a gente ia ao shopping. Tinha gente que punha as melhores roupas para ir à missa ou a jantares, a gente se arrumava todo para ir a um centro comercial perto da Interestadual 91. Você acordava cedo, passava uma hora se maquiando, punha o melhor vestido preto com lantejoulas, o único par de argolas de ouro, sapatos pretos de lamê. Depois você se ajoelhava e besuntava meu cabelo com um punhado de brilhantina, penteando-o.

Vendo nós dois ali, um desconhecido não ia adivinhar que a gente fazia compras na mercearia da esquina da avenida Franklin, onde a entrada ficava entulhada de tíquetes de vale-alimentação fornecidos pelo governo, onde produtos básicos como leite e ovos custavam o triplo do que custavam nos subúrbios, onde as maçãs, enrugadas e machucadas, ficavam numa caixa de papelão ensopada no fundo por conta do sangue de porco vazado da caixa de costelinhas suínas, o gelo há muito derretido.

“Vamos comprar o chocolate chique”, você dizia, apontando para os Godivas. Nós saíamos com uma sacolinha de papel com uns cinco ou seis quadradinhos de chocolate escolhidos aleatoriamente. Várias vezes isso era a única coisa que a gente comprava no shopping. Depois a gente andava, passando chocolate de um para o outro até nossos dedos brilharem retintos e doces. “É assim que se aproveita a vida”, você dizia, chupando os dedos, o esmalte rosa descascando depois de uma semana trabalhando como pedicure.

A vez com os teus punhos, gritando no estacionamento, o sol do fim de tarde gravando em água-forte teus cabelos vermelhos. Meus braços protegendo minha cabeça enquanto as tuas juntas batiam em mim.

Naqueles sábados, a gente passeava pelos corredores até que, uma a uma, as lojas baixavam as portas de aço. Depois a gente ia até o ponto de ônibus descendo a rua, nossa respiração flutuando acima de nós, a maquiagem secando no teu rosto. Nossas mãos vazias, exceto por nossas mãos.

Da minha janela hoje de manhã, pouco antes do sol nascer, dava para ver um cervo parado numa neblina tão densa e brilhante que o segundo cervo, não muito longe, parecia uma sombra inacabada do primeiro.

Você pode colorir isso. Pode chamar de “A História da Memória”.

A migração pode ter como gatilho o ângulo do sol, indicando uma mudança de estação, temperatura, vida da flora e quantidade de alimentos disponível. As borboletas-monarcas fêmeas botam ovos pelo caminho. Toda história tem mais de um fio, todo fio é uma história de divisão. A viagem leva sete mil setecentos e setenta quilômetros, mais do que a extensão deste país. As monarcas que voam para o sul não voltarão para o norte. Toda partida, portanto, é definitiva. Só seus filhos voltarão; só o futuro revisita o passado.

O que é um país senão uma sentença sem fronteiras, uma vida?

Aquele dia no açougueiro chinês, você apontou para o porco assado pendurado no gancho. “Depois de queimar, as costelas são iguaizinhas às de uma pessoa.” Você deixou escapar uma risadinha entrecortada, pegou a carteira, o rosto tenso, e contou de novo nosso dinheiro.

O que é um país senão uma sentença para toda a vida?

Aquela vez com o galão de leite. A embalagem explodindo no osso do meu ombro, depois uma chuva branca contínua nos azulejos da cozinha.

A vez no Six Flags, quando você foi comigo à montanha-russa do Super-Homem porque eu tinha medo de ir sozinho. Você vomitou depois, a cabeça inteira na lata de lixo. Como, no meu prazer estridente, eu esqueci de dizer *Obrigado*.

Aquela vez em que a gente foi ao mercado e encheu o carrinho com itens que tinham uma tarja amarela, porque naquele dia a tarja amarela significava mais cinquenta por cento de desconto. Eu empurrava o carrinho e saltava na parte de trás, deslizando, me sentindo rico com nosso butim de tesouros descartados. Era teu aniversário. A gente estava barulhento. “Será que eu pareço uma americana de verdade?”, você disse, pondo um vestido branco contra o corpo. Era um pouquinho formal demais para você ter uma ocasião para usar, mas suficientemente casual para ter uma *possibilidade* de uso. Uma chance. Eu fiz que sim com a cabeça, sorrindo. O carrinho a essa altura estava tão cheio que eu não conseguia ver o que estava à minha frente.

A vez com a faca de cozinha – aquela que você pegou, depois largou, tremendo, dizendo baixinho: “Sai daqui. Sai daqui.” E eu corri para fora, descendo as ruas negras do verão. Corri até esquecer que eu tinha dez anos, até minha pulsação ser a única coisa de mim que eu era capaz de ouvir.

Aquela vez, em Nova York, uma semana depois do primo Phuong morrer no acidente de carro, em que eu entrei no metrô número 2 para o norte e vi o rosto dele, nítido e redondo quando as portas abriram, olhando bem nos meus olhos, vivo. Fiquei sem ar – mas eu sabia que era só um sujeito parecido com ele. Mesmo assim, fiquei chocado de ver o que eu achava que jamais veria de novo – os traços tão exatos, o queixo forte, as sobrancelhas distantes. O nome dele foi até a ponta da minha língua antes de eu contê-lo. Depois de sair do subterrâneo, sentei num hidrante e te liguei. “Mãe, eu vi ele”, eu

exalei. “Mãe, juro que eu vi ele. Sei que é bobagem, mas eu vi o Phuong no metrô.” Eu estava tendo um ataque de pânico. E você sabia. Por um tempo você ficou sem dizer nada, depois começou a murmurar a melodia de “Parabéns para você”. Não era meu aniversário, mas aquela era a única música que você conhecia em inglês, e você foi em frente. E eu ouvi, o telefone apertado tão forte na orelha que, horas depois, ainda tinha um retângulo rosa marcado na minha bochecha.

Eu tenho vinte e oito anos, 1m62 de altura, 51 quilos. Sou bonito de exatamente três ângulos e horrível de todos os outros. Estou escrevendo para você de dentro de um corpo que era teu. O que é o mesmo que dizer: estou escrevendo como um filho.

Se a gente tiver sorte, o fim da sentença é onde a gente pode começar. Se a gente tiver sorte, algo é transmitido, um outro alfabeto escrito no sangue, nos tendões e neurônios; ancestrais incutindo em sua descendência o impulso silencioso para voar até o sul, para ir rumo ao lugar da narrativa ao qual ninguém deve sobreviver.

A vez, no salão de manicure, em que eu ouvi você consolando uma cliente pela perda recente que ela tinha sofrido. Enquanto você pintava as unhas, ela falava, entre lágrimas. “Perdi minha bebê, minha menininha, a Julie. Não consigo acreditar, ela era a mais forte de todas, a minha mais velha.”

Você fez que sim com a cabeça, olhos sóbrios por trás da máscara. “Está tudo bem, está tudo bem”, você disse em inglês, “não chore. A sua Julie”, você prosseguiu, “como morreu?”

“Câncer”, a mulher disse. “E no quintal, além de tudo! Morreu bem ali no quintal, merda!”

Você largou a mão dela, tirou a máscara. Câncer. Você se inclinou para a frente. “Minha mãe também, ela morreu de câncer.” A sala ficou em silêncio. As tuas colegas se ajeitaram na cadeira. “Mas por que no quintal, por que ela morreu lá?”

A mulher enxugou os olhos. “É onde ela mora. Julie é minha égua.”

Você fez que sim com a cabeça, colocou a máscara e voltou a pintar as unhas dela. Depois que a mulher saiu, você atirou a máscara longe. “Uma porra de um cavalo?”, você disse em vietnamita. “Putá merda, eu estava quase indo ao túmulo da filha dela levar flores!” Durante o resto do dia, enquanto trabalhava em uma ou outra mão, você olhava para cima e gritava: “Era uma merda de um cavalo!”, e todo mundo ria.

Aquela vez, aos treze anos, quando eu finalmente disse pare. Tua mão no ar, o osso do meu rosto doendo da primeira pancada. “Pare, mãe. Chega. Por favor.” Olhei duro pra você, do jeito que eu tinha aprendido, na época, a olhar nos olhos dos valentões que me provocavam. Você se virou e, sem dizer nada, vestiu o teu casaco de lã marrom e foi andando até a loja. “Vou comprar ovo”, você disse por cima do ombro, como se nada tivesse acontecido. Mas nós dois sabíamos que você nunca mais ia me bater.

As monarcas que sobreviveram à migração passaram essa mensagem para seus filhos. A memória dos membros da família perdida no inverno inicial foi trançada em seus genes.

Quando uma guerra acaba? Quando eu vou poder dizer o teu nome e fazer com que ele signifique apenas o teu nome e não o que você deixou para trás?

A vez que acordei numa hora tingida de azul, minha cabeça – não, a casa – tomada por música suave. Meus pés no piso frio de madeira, andei até teu quarto. Tua cama estava vazia. “Mãe”, eu disse, parado sobre a música como uma flor cortada. Era Chopin, e vinha do closet. A porta gravada em água-forte em luz avermelhada, como a entrada de um lugar em chamas. Sentei do lado de fora, escutando a abertura e, por baixo da música, a tua respiração uniforme. Não sei quanto tempo fiquei ali. Mas a certa altura voltei para a cama, puxei as cobertas de encontro ao queixo até aquilo parar, não a música mas o meu tremor. “Mãe”, eu disse de novo para ninguém, “volte. Saia daí e volte.”

Uma vez você me disse que o olho humano é a criação mais solitária de deus. Como pode uma parte tão grande do mundo passar pela pupila e ela não reter nada. O olho, sozinho na sua cavidade, nem sequer sabe que existe um outro, igual a ele, a três centímetros de distância, tão faminto quanto, tão vazio quanto. Abrindo a porta da frente para a primeira neve da minha vida, você sussurrou: “Veja.”

A vez em que você, enquanto descascava uma cesta de vagens na pia, disse, do nada: “Eu não sou um monstro. Eu sou uma mãe.”

O que a gente quer dizer quando fala sobrevivente? Talvez um sobrevivente seja o último a chegar em casa, a última monarca que pousa num galho já pesado de fantasmas.

A manhã se fechou à nossa volta.

Larguei o livro. As cabeças das vagens continuaram estalando. Elas caíam na cuba de aço da pia como dedos. “Você não é um monstro”, eu disse.

Mas eu menti.

O que eu quis dizer de verdade é que não é tão terrível ser um monstro. Da raiz latina *monstrum*, um mensageiro divino da catástrofe, depois adaptado pelo francês antigo para se referir a um animal de origens múltiplas: centauro, grifo, sátiro. Ser um monstro é ser um sinal híbrido, um farol: ao mesmo tempo um farol e um alerta.

Leio que pais que sofrem de Síndrome do Estresse Pós-Traumático têm maior probabilidade de bater nos filhos. Talvez isso tenha uma origem monstruosa, no fim das contas. Talvez bater no seu filho seja prepará-lo para a guerra. Dizer que temos batimento cardíaco nunca é tão simples quanto a tarefa do coração de dizer *sim sim sim* para o corpo.

Eu não sei.

O que eu sei é que naquele dia no mercado você me entregou o vestido branco, teus olhos vítreos e arregalados. “Você consegue ler isso”, você disse, “e me contar se é à prova de fogo?” Procurei a

barra, estudei o impresso na etiqueta e, sem conseguir ler, disse: “É sim.” Disse mesmo assim. “É sim.” Menti, segurando o vestido na altura do teu queixo. “É à prova de fogo.”

Dias depois, um garoto da vizinhança, andando de bicicleta, me viu usando aquele mesmo vestido – eu pus imaginando que ia ficar mais parecido com você – no jardim de casa enquanto você estava no trabalho. No recreio no outro dia, os meninos me chamavam de *aberração*, *fadinha*, *bicha*. Soube muito depois que essas palavras também eram repetições de *monstro*.

Às vezes, imagino as monarcas fugindo não do inverno, mas das nuvens de napalm da tua infância no Vietnã. Imagino as borboletas voando de explosões de fogo, incólumes, suas minúsculas asas negras e vermelhas tremendo como escombros que continuassem explodindo, por milhares de quilômetros no céu, de um jeito que, ao olhar para cima, você já não consegue descobrir de qual explosão elas vieram, apenas uma família de borboletas flutuando no ar límpido, gelado, suas asas, depois de tantas conflagrações, finalmente à prova de fogo.

“Muito bom saber isso, querido.” Você desviou o olhar, rosto impassível, olhando por cima do meu ombro, o vestido preso a teu peito. “Muito bom.”

Você é uma mãe, Mãe. Você também é um monstro. Mas eu também sou – e é por isso que eu não posso me afastar de você. E é por isso que eu peguei a mais solitária criação de deus e te coloquei dentro dela.

Veja.